



Oficina I:

Intérpretes indígenas: uma história invisível

Resumo:

Apesar da participação fundamental que intérpretes indígenas tiveram na formação linguística e sociocultural do Brasil, pouco se sabe e se discute sobre esses sujeitos e o papel que exerceram ao longo de mais de cinco séculos. Seguindo abordagens e metodologias históricas que se interessam pelas pessoas “comuns” e grupos minorizados (Ginzburg 1976/1980, Levi 2011, Sharpe 1991), essa oficina propõe-se a pensar a História e a Historiografia da Interpretação do Brasil a partir da agência das e dos intérpretes indígenas e de suas micro-histórias, as quais foram - e continuam sendo - marginalizadas nas narrativas históricas tradicionais.

Programa:

1. A interpretação como política sociolinguística nos quatro primeiros séculos

- Os *línguas* e a conquista das terras brasileiras por colonizadores;
- O uso de intérpretes para a catequização dos “povos selvagens”;
- As expedições de desbravamento: entradas, bandeiras e o tropeirismo;
- A institucionalização da profissão de intérprete;
- O imaginário em torno da figura do intérprete: indispensável, porém não totalmente confiável.

2. O Serviço de Proteção aos Índios – SPI (1910 – 1969) e o uso da interpretação

- A Comissão Rondon;
- A criação do SPI e as técnicas de atração e “pacificação” de povos ainda não contatados;
- Aspectos gerais da atividade da interpretação no contexto do SPI;
- Fontes históricas e a fotografia como um importante recurso para a construção de uma possível história da interpretação;
- Estudos de caso.

3. Intérpretes indígenas hoje

- Mapeamento: quem são (etnia, gênero, idade), áreas de atuação, regiões com maior demanda;
- Profissionalização;
- Relatos de experiência (intérprete com participação a confirmar).

Palestrantes:

John Milton, nascido em Birmingham, Reino Unido, 1956, é Professor Titular da Universidade de São Paulo em Estudos da Tradução. Ajudou a estabelecer o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, e foi Coordenador do Programa de 2012-2016. Seu principal interesse é a teoria, história, sociologia e política da tradução. Ele é autor de livros, artigos, adaptações e tradutor de poemas.

Helena Barbosa, é tradutora certificada pela National Accreditation Authority for Translators and Interpreters (NAATI, Australia), desde 2009 e atua em diversas áreas, sobretudo direito, imigração, ciências sociais e política. É também advogada indigenista. Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP), bacharela em Letras-Tradução pela Universidade de Brasília (UnB) e em Direito pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Atualmente, desenvolve pesquisas sobre tradução feminista, bem como sobre a história da tradução e da interpretação no Brasil, como foco especialmente em tradutoras, tradutores e intérpretes indígenas e em tradução de artes verbais ameríndias.